

# A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:  
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado  
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

## SUMMARIO

Historia dos sete dias — Moralidade da Imprensa, *Regazzoli* — *A Semana*, 400 reis! — *L'Italia* — Bolos, *Chico Ferula* — *A Janella e o Sol*, soneto, *Alberto de Oliveira* — *A convalescente*, *D. Pinto* — *Magoas*, soneto, *Filius d'Almeida* — *Iluminuras*, *Julia Lopes* — *Terremotos* — *Mattos*, *Malta ou Matta?* (Novas revelações) — *Kermesse no Polytheama* — *Paruaso Alegre*, *Filindal* — *Theatros* — *Poesia e poetas*, *Udo* — *Alguas definições*, *Frei Antonio* — *Banquete em S. Paulo* — *Barbosa Rodrigues* — *Catastrophe*, *Barão Reclame* — *Tratos á bola*, *D. Pastel* — *Caso espantoso* — *Recebemos* — *Correio* — *Factos diversos* — *Declarações* — *Anuncios*.

## A SEMANA

Rio, 28 de Fevereiro de 1885.

### HISTORIA DOS SETE DIAS

Terremotos em Andaluzia; eis o assumpto que encheu a semana e promette estender-se por todo este mez e boa porção do seguinte.

A execução do programma organizado pela Imprensa para socorrer os milhares de victimas das consequencias da tremenda catastrophe occupou de tal modo a attenção publica, interessou tão vivamente a população, que todos os outros acontecimentos da semana foram regeitados á sombra da obscuridade pela poderosa e vibrante fulguração d'esse grande facto. Nem o rumor levantado pela noticia de accórdão do Egregio Tribunal da Relação (estyllo de appellante... ou de appellado) que não tomou conhecimento da appellação interposta da sentença absolutoria do *Calças Largas* embora com o fundamento d'esse accórdão não houvessem concordado alguns desembargadores; — nem a eleição municipal, de que se esperavam cousas do arco da velha e em que Fagundes foi o terceiro a ser distinguido pela soberania do municipio e foi o primeiro a renunciar com dignidade e heroismo catonico a essa distincção e alta honra, acto que merece as nossas mais arden-tes felicitações em nome do municipio e da nação; — nem o roubo no Consulado portuguez, que tanto deu que fallar e tantos comentarios provocou e está provocando; — nem a alta politicagem da camara baixa, onde se preparam neste momento os legisladores do futuro que têm de defender os subdelegados da Madre de Deos e accusar os juizes de

paz do Angú; — nem a espantosa noticia da descoberta de que existiam mais de trezentos escravos no Ceará, termo dos Milagres, estupefaciente milagre que deixou de cara á banda todos os que no anno passado gastaram o mellhor dos seus pulmões e da sua rhetorica em festejar a libertação completa da terra da luz; — nem a noticia de que na ilha de Fernando de Noronha foram mortos onze mil e sessenta ratos durante o mez de Dezembro, sendo de notar que lá não ha camara municipal, nem alfandega, facto esse, que levou o respectivo governador a pedir ao governo geral que se mude o nome da referida ilha, passando a chamar-se d'ora avante — *Ilha dos Ratos*, mesmo porque á que tem este nome aqui não cabe o direito de tal distincção — visto possuir uma quantidade d'aquelles roedores verdadeiramente insignificante e vergonhosa para uma ilha dos ratos que se prese, constando mesmo que já tem apparecido por lá varios gatos desamarrados; — nem a nomeação do Sr. ex-major Taunay para membro do Conservatorio de Parana-piacaba, em substituição do Dr. Moreira Sampaio, que se demittio; — nem mesmo a representação feita pelos fazendeiros do municipio de Campos e apresentada á camara dos deputados pelo Sr. subdelegado da freguezia do Espirito-Santo — commendadorissimo Malvino Reis, na qual — representação e não freguezia — os honrados agricultores pedem á camara que decreta e fixe o prazo de sete annos para extincção completa da escravidão no Brazil; o que significa, mais ou menos, que se a camara marcar, em vez dos sete annos pedidos, um prazo de quatro ou cinco, elles, por sua parte, se mostrarão contentes e satisfeitos — magnifico symptoma do progresso que no espirito dos lavradores sensatos e intelligentes vae fazendo a santa causa da abolição; — nenhum d'esses factos foi capaz de distrahir a capital da preocupação bemdita de socorrer a Andaluzia; nenhum d'elles nem todos junctos, podera apagar a impressão profunda e dolorosa que dominava o espirito publico desde a noticia desoladora da immensa desgraça que tem ultimamente assolado a formosa e senhoril Hespanha.

Todos os factos, todos os aconteci-

mentos, os mais inesperados e importantes, os mais graves e ruidosos, receíaram, empallideceram, sumiram-se ante o grande assumpto, o assumpto unico d'estes sete dias.

Ao convite da Imprensa, por iniciativa da cavalheiresca e illustrada redacção d'*O Paiz*, acudiram todas, ou quasi todas, as sociedades da côrte, beneficentes, carnavalescas, litterarias e recreativas.

E em grandes reuniões dos delegados d'essas associações e dos representantes da imprensa resolveu-se que sahiria a esmolar no dia 22 um grande bando precatorio.

N'esse dia, com effeito, sahiu do parque d'Acclamação a percorrer as principaes ruas da cidade o immenso prestito civico, cuja noticia trazia de ha muitos dias alvoroçada a curiosidade publica.

Jamais presenciára a capital do imperio um espectáculo tão imponente e solemne, e é bem possível que tão cedo não tenha occasião de ver outro igual.

Descreve-o seria furtar todo o espaço d'*A Semana* aos outros assumptos que urgentemente o reclamam.

Além d'isso, elle foi minuciosa e longamente descripto por todos os jornaes diarios e nada teriamos de novo a accrescentar.

Limitamo-nos, por isso, a dizer que essa unanime, expontanea e extraordinaria manifestação de sympathia e de caridade prestada á Hespanha pela capital do Brazil, perdurará longamente na memoria de todos quantos tiveram a fortuna de presenciar-a.

Oxalá que a Hespanha venha a saber por que maneira foi aqui recebida a noticia das suas desgraças e com que entusiasmo e fraternal pesar a Imprensa e o Povo do Rio de Janeiro acudiram a minorar-lhe as consequencias terriveis!

E que o não esqueça tão cedo.

A totalidade das sommas recebidas e recolhidas dos varios gremios e numerosos cavalheiros que esmolaram no bando precatorio foi de 12:460\$710.

E os donativos até hoje entregues ao thesoureiro da commissão central da Imprensa subiram até hontem á quantia de—6:070\$340.

Calcula-se que depois de realizadas todas as festas e empregados todos os meios projectados e em via de execução

para colher esmolas para a Andaluzia, o Brazil conseguirá remetter á infeliz provincia hespanhola quantia superior a talvez trinta contos de reis.

Honra á nossa patria que sabe sentir as desgraças das suas irmans.

## MORALIDADE DA IMPRENSA

### CARTAS AO DIRECTOR D'A SEMANA

#### SEGUNDA CARTA

Meu caro confrade.

Sobre o assumpto da minha carta precedente acodem-me algumas reflexões que rogo a V. ler e consideral-as em additamento áquelle meu escripto.

O anonymo é invulneravel; o *testa de ferro* ataca, e, como unico desforço, oppõem-se-lhe meios indirectos de defesa, taes como a reputação de que se gosa, os precedentes, a sympathia, as presumpções favoraveis.

Nos processos criminaes, nas autuações, o anonymo é o recurso supremo para a descoberta e reconhecimento da verdade.

Algumas corporações, a maçonaria, por exemplo, tem por base e motor de seus dictames o anonymo.

O proprio representante da justiça, o que é mais, senão a personificação, a apothese do anonymo?

O papel do anonymo ou accusador é muito mais espinhoso e inglorio que o do accusado; porque este pode assumir o caracter de victima; emquanto que aquelle será alculniado de calumniador e conspurcador da honra alheia, se não provar as imputações levantadas; por isso é licito que o primeiro se subtraia ao labéo que o espera, adquirindo a maxima latitude e independencia, mediante a occultação de sua individualidade. E' innegavel que ha ou devem fixar-se limites ao emprego do anonymo, banindo-se, por exemplo, as questões particulares, de familia, pelo máu effeito e excesso de recriminações a que dariam lugar. E ainda estas soffrem excepções, toda a vez que os actos imputaveis e trazidos a lume possam aproveitar á sociedade.

Muitos d'esses actos escapam á sanção penal, e a revelação ostensiva e feita sob responsabilidade, póde acarretar grave transtorno e sacrificio a quem a faz; o anonymo então caracteriza a figura de Argos com a sua vigilancia de cem olhos.

Se é certo que é permitido fazer tudo o que a lei não prohibe, qualquer cidadão, em conseguindo illudir o seu alcance, imperio ou acção, commetterá os maiores desatinos.

O anonymo então é a ferula que imprime o castigo, o qual de nenhuma outra forma seria applicavel.

Se houvesse homogeneidade nas classes sociaes e existisse o vinculo de estima e amizade que aproxima as pessoas e as põe em contacto, o anonymo perderia a sua força e prestigio; prova-o a vida das sociedades do interior e dos agrupamentos harmonicos bem definidos e bem organisados.

No meio de um ingente amalgama de individuos, na sua maior parte adventicios, de mero apparato e eivados das mais extravagantes paixões e tendencias, que estranho é que campeie o anonymo, tendo por fim vituperar, expor, ridicularisar a este ou áquelle?

A base, o elemento vital, a unica aspiração de uma sociedade, como é constituída a d'esta cidade, é o interesse commercial, e toda a sua actividade e affan é reclamada e absorvida pela enorme vo-

ragem das necessidades diarias, que nada póde estancar.

O anonymo é o impulso insoffreavel que vibra essa mola—o interesse, excessivamente protracta e tensa; e supprmil-o importa o resurgimento de outros recursos, talvez mais deletereos e reprovados.

Os grandes centros de população, como Londres e Paris, não apresentam semelhante phenomeno por diversas razões:

1° Ha mais elevação de sentimentos e de criterio nos individuos;

2° ha unidade, e, por conseguinte, a ordem de esforços acha-se estabelecida e regularizada por uma marcha e desenvolvimento seculares;

3° a esphera em que cada um vegeta é minima em relação á do conjuncto, sobre o qual aquella não exerce influencia apreciavel;

4° o processo de transformação e o gravitar dos seus membros é methodico, previsto, racional e consequente;

5° refulge nas regiões elevadas um caudal de luz, que se manifesta pelos exemplos de moralisação e integridade;

6° não serpeiam entre seus habitantes instinctos de odio, de malquerenças, rivalidade e pirraça, fundadas na diversidade de origem e educação;

7° a religião existe ahí, bem ou mal, implantada nos corações, e comtudo de effeitos beneficos e pacificadores;

8° os grandes poderes tutelares da sociedade, como a justiça, a força publica, imperam desassombrados e scintillam rutilantes na consciencia de todos, como factos providenciaes, sem que nunca a insidia rasteira, a peita, ou considerações de qualquer natureza os deturpem e lhes imponham o jugo avassallador.

Eis uns tantos pontos que podiam servir de marcos miliarios na investigação das causas da existencia do anonymo, e por consequencia do *testa de ferro*, na imprensa do Rio de Janeiro.

Não quer isto dizer que em outras partes os homens não têmham seus defeitos, aleijões e mazellas a corroer-lhes as entranhas e a atribular-lhes a existencia. Talvez até superabundem e excedam aos d'aquí.

Mas é um facto irrecusavel, patente, que quando os postulados acima enunciados se acham todos a um tempo controvvertidos e em pleno predomínio negativo, a sociedade onde tal emergencia se verifica, deve não só appellar fatalmente para o anonymo, mas inaugurar um tribunal, a exemplo do dos setembristas, que em pouco tempo deixou uma nação purificada e estreme das maculas e senões que a viciavam.

Valha-me a sua paciencia para attingir este ponto.

C. REGAZOLI.

## « A SEMANA » --- 100 Réis !...

Sob este titulo acaba de nos ser gentilmente offerecido e dedicado um delicioso tango pelo applaudido compositor Ernesto de Souza. Não sabemos como agradecer-lhe tão preciosa offerta. Um dos nossos companheiros propoz que agradecemos—Dançando-a.

Não pegou a idéa por não haver um pianno na redacção. Felizmente... para os visinhos.

Esperamos com fundados motivos que a nova composição do autor do *Setim* estará em breve sobre todas as estantes e a cidade nova em peso dansará com delicia...

## « A SEMANA » — 100 Réis !...

Mais uma vez agradecemos ao Sr. Ernesto de Souza a sua gentilissima offerta.

## L'ITALIA

Temos recebido regularmente este excellente jornal, escripto em lingua italiana, e de que é redactor o illustre engenheiro e escriptor italiano—Dr. Foglianni.

*L'Italia* é o successor e continuador d'*O Cosmopolita*, jornal que deixou uma bella memoria na imprensa fluminense pela maneira independente e artistica como era redigido.

O Dr. Foglianni, que já escrevia no *Cosmopolita*, continúa a revellar no *L'Italia* as suas notaveis aptidões de jornalista elegante e distincto, que sabe do seu officio e comprehende a sua missão.

Saudamos a sympathica folha italiana, agradecendo-lhe as delicadas expressões com que nos recebeu e felicitamos os italianos residentes no Brazil por terem um jornal digno da patria heroica de Garibaldi e Cavour.

## BOLOS

No meio da semsaboria verdadeiramente desesperante em que se agita a população d'esta cidade dita heroica por antonomasia municipal, ataca a todos os chronistas o tedio de não terem de que fallar.

Felizmente, cá a *Semana* sempre tem para se divertir o excellente pabulo da *Folha Nova*, ás vezes o do amigalhaço *Escaravelho* e agora, por ultimo, o folhetinista C. de L., especie de general Boum sempre á cata do inimigo.

Já estamos tão affeitos a ver a colera olympica d'este intestino do *Pachiderme*, que não nos espantou o soberano desprezo com que elle no seu ultimo *Microcosmo* escreveu d'*A Semana*.

Quer saber o leitor amigo como elle appellidou a nossa folha? — Pois ahí tem: *Revista de Honolulu!* Depois diz que é lida sómente por treze pessoas, revisores inclusive. Mais abaixo declara que não é jornalista quem não pode escrever em *jornal de certa ordem*; e accrescenta: « *A Revista de Honolulu não serve... Ninguém a possui, ninguém a lê, ninguém a conhece. Responder-lhe, é fazer-lhe a esmola de uma celebridade que não merece.* »

\*

\*\*

Isto como pedanteria é obra acabada! Pimenta, que apenas escreve folhetins semanaes, mas que de facto é pofessor do collegio D. Pedro II, julga-se já pairando no setimo céo do jornalismo, e investido, coitado! do poder de dar celebridade a quem lhe parece! Quer elle dizer na sua, o enxovado, que não nos responde para não nos celebrar!

Façam-me o favor de admirar, de graça, este Herculano de cutliquê!

Meçam-lhe o orgulho que o desvaira por escrever n'um jornal de *certa ordem!*

Ahi o têm todo inteiro, na pata do *Pachiderme*, aos domingos.

\*

\*\*

C. de L. tem razão; afinal de contas, se considerarmos bem os factos, elle tem toda a razão. Nós, os taes da geração nova, que andamos para aquí a redigir *Semanas* e outras folhas de *ordem incerta*, somos umas bestas. Que diabo sabemos nós de sciencia, de poesia, de litteratura?

Quem quizer d'esses manjares finos e aristocraticos que vá lá ao *Cenaculo* estabelecido no ventre do *Mastodonte*, de que C. de L., como ficou dito, é o intestino.

Ahi sim. Alta litteratura e alta sciencia. Lá está C. de L. para empanturrar de archaismo e classicismo os ouvintes; lá está L. de C., o *Escaravelho*, ester-

corando as desovas da prosa de cordovão; lá está o Riancho para apanhar *cavaquinhos* e para as notícias descritivas, impressionistas e symphonicas do Paraná; lá está o primo Augusto com a provisão eterna de calimburgos para a critica municipal; e lá está o incomparavel Octaviano para engraxar o realejo da *Musa do povo* e arranjar sapatos para a progenie desvalida do conselho dos deoses, do synodo augusto do jornalismo marca maior.

Este Maximiano é ainda mais curioso que o outro das inhalações! Colocado, por amor da bilis que segrega e espirra, em um jornal de *certa ordem*, julga-se no pleno direito de espalhar celebridade á direita e á esquerda, quando lhe apronver, ou de a guardar e esconder quando lhe der na cabeça.

Mas esse procedimento sobre ser attentatorio do livre commercio, porque é um monopolio, é ainda capcioso por não ser equitativo.

Se Pimenta me dá licença, eu proponho-lhe uma idéa. Faça uma tabella dos preços da celebridade, depois de a separar por cathegorias, ou qualidades, ou numeros.

Que quando eu quizer, por exemplo, tres kilos da de n. 1, Maximiano me possa dizer promptamente que o preço é meia pataca.

Depois esparralhe-se por as alturas da oitava pagina e verá como chega a freguezia.

\*  
\*\*

Quanto á insinuação que faz de que a *Semana* é pouco lida, estamos de accordo.

Nenhuma folha de feição litteraria é tão lida como os grandes jornaes de noticias e de annuncios. Isto não suppõe inferioridade; ao contrario. A *Revista Brasileira*, por exemplo, redigida e collaborada pelas suinmidades da litteratura nacional, não se pode sustentar muitos annos por falta de assignantes. Temos outro exemplo: No tempo em que o *Pachiderme* apenas tinha a gazetilha e as *Cartas de um Caipira*, a *Republica* era redigida pelos mestres do jornalismo contemporaneo—Quintino Bocayuva, Saldanha Marinho, Salvador de Mendonça e outros. No emtanto a *Republica* finou-se e o *Pachiderme* ainda hoje aharrota a estupidez indigena com o esparregado dos *a pedidos* e com a assorda domingueira de *C. de L.*

O publico nem sempre prefere o melhor.

*A Folha Nova...*

Não ha remedio senão applicar-lhe a logica da *Santa Luzia*. E' incorrigivel esta criança! Cada vez mais imbecil. Os infelizes cacographos que lhe amarram as pendurezas do noticiario, cada vez a compromettem mais.

« Respigar nos tolices. » é tolice. Dissemos-lhe isto no numero passado e ella respondeu-nos que prefere ser tola com os mestres a ser sahia... com a *Semana*.

Qual será o mestre a que se socorre a menina para lhe encampar o sollecismo?

Vamos-lhe apresentar tres que lh'o impugnam com a maior clareza:

— Faria, *Novo Dicc.*—*Respigar*, v. a. recolher as espigas que ficaram por segar; (fig.) tirar. colher todo o ganho, o lucro, ate por meios illegaes.

« Não só segavam, mas *respigavam* no povo o que ficava. » Fêo.

— Moraes, *Dicc.* Dá o mesmo significado. o mesmo exemplo de Fêo. e acrescenta:

« *Respigar* o demonio nas virtudes » privar-nos de todas.

— Aulette, *Dicc. Contemp.*—*Respigar*, v. intr. recolher as espigas, etc., etc. (Fig.) Fazer colheita ou selecção do que ha mais digno de aproveitar-se; Andou *respigando* nos classicos as expressões mais felizes.

Ainda em Faria.—*Respigador*, homem que respiga as searas ceifadas, etc., etc.

\*  
\*\*

Agora apresente a menina os mestres com quem prefere errar. Não é bastante affirmar que os mestres commettem sollecismos de tal natureza; é preciso provar-o.

Aguardamos, pois, a prova e pela terceira vez lhe enviamos o nosso n. 6.

\*  
\*\*

Vamos a outro ponto.

Em uma noticia que sob o titulo *Selvageria* deu no seu numero de 25, e em que narra a fugida de uma preta que era barbaramente castigada pela senhora, diz a *Folha Nova*: « e hontem fugiu de casa completamente nua com o corpo cheio de feridas antigas e recentes, além de outros ferimentos occultos. »

Peço-lhe encarecidamente que me explique como podia haver ferimentos occultos se a rapariga estava completamente nua!

Esta faz-me lembrar um annuncio que o antigo palhaço Augusto, do velho Circo Olympico, costumava ler nos espectaculos:

— « Foi encontrado hontem a boiar na rua Direita o cadaver de um homem branco. Pela falla conheceu-se ser inglez. Estava completamente nu e tinha uma faca no bolso. »

Tambem desta vez não passaremos sem fazer um pedidinho ao illustre *Quidam*, o *Escaravoço*, denodado filho do senhor seu pae para gloria da familia e honra da patria.

Diz este interessante menino, no seu ultimo folhetim, que não tem a petulancia de negar que o *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, esteja *primorosamente* escripto (O grypho é d'elle); que reconhece talento no insigne romancista portuguez, « mas que não de permittir que lhes diga que esse talento, Eça de Queiroz o emprega mal. »

Agora o nosso pedido:

E' preciso que *Quidam* se compadeça d'Eça. Faça-nos, pois, o favor de lhe mandar dizer como é que elle hade empregar bem o talento. *Quidam* tem reformado e emendado e corrigido uma porção de peças francezas; não lhe será difficil agora dirigir-se ao Sr. Eça, dizendo-lhe como deve elle escrever o *Primo Basilio* e como deve tambem refazer mais uma vez o *Crime do padre Amaro*.

Juntará *Quidam* mais uns conselhos de critico reformador, no sentido de dirigir o transviado talento do illustre estylista, tão mal empregado em obras como as citadas. Diga-lhe, por exemplo, se assim o entender, que elle empregue o seu talento... no commercio, demonstrando-lhe as vantagens inherentes a tal emprego, em que Eça pôde abixar os seus cincoenta mil reis por mez, casa e comida.

O que lhe não podemos garantir é que Eça de Queiroz tenia a bondade evangelica de prestar attenção a qualquer *quidam*.

Em todo o caso é bom tentar, e o pedido ahí fica, feito em nome da salvação das letras portuguezas, que são tambem as nossas, embora contra este asserto proteste a prosa de *Quidam*.

CHICO FÉRULA.

## A JANELLA E O SOL

« Deixa-me entrar, dizia o Sol. Suspende a cortina, soahre-te. Preciso De estudar essa luz que o sonho accende No seu dormido virginal sorriso.

Dá-me uma fresta só do paraizo Vedado, se o ser n'elle inteiro offende... E eu, como o eunucho, tremulo, indeciso, Ver-lhe-hei o rosto que na Sombra esplesde. »

E, fechando-se mais, zelosa e firme, Respondia a janella: « Ah! que estovado! Eu deixar-te passar! eu, nescia, abir-me!

E essa que dorme, Sol, que não diria Ao ver-te o olhar por trás do cortinado, E ao ver-se, a um tempo, desnudada e fria! »

ALBERTO D'OLIVEIRA.

## A CONVALESCENTE

POEMETO EM PROSA

Depois de quinze dias de sustos angustiosos e desesperos atrozos, era aquelle o primeiro em que se levantava da cama. Caliu doente logo na primeira noite do casamento, preza d'uma febre nervosa agudissima.

Agora ia melhor; muito fraquinha ainda... O noivo levava-a docemente a passear pelo jardim florido, a respirar a atmosphera pura e fragrant da manhã. A noiva deixava-se conduzir com delicias, os olhos semi-cerrados, e as faces se lhe tingiam d'uns laivos de sangue: sangue empobrecido e dessorado. Elle parecia distrahido; tão serio, tão grave, tão recolhido era o seu ar.

Afinal, sentaram-se em um baneo, de baixo d'uma grande arvore, ouvindo o fresco rumor da agua. Elle continuava, no emtanto, abstracto, perdido ao longe em scismas que se revelavam unicamente por um brilho mais intenso do olhar. Subito, enlaçou-a com força, n'um affago quasi brutal, e, beijando-a soffregamente na face, disse-lhe qualquer cousa ao ouvido.

Ella corou deveras, e levantou para elle os olhos supplices.

Elle sorriu-se, vaidoso um tanto d'aquella timidez d' criança, e deu-lhe outro beijo, d'esta vez na testa: um beijo amavel e eondescendente...

D. PINTO.

## MAGUAS

« Triste o que espera, triste o que confia. »

CAMÔES.

Só por não ser conforme a meu cuidado Desfechon contra mim Amor as seltas, Acertando em feridas tão secretas Que elle nem mesmo as vira desvendado.

Pois que me sendo tão desaffeçoado Em mim não pôde achar feições dilectas, Obras não buscarei eu mais completas Mais que as obras que tenho praticado.

Te redobradas ancias me apoquento, Uso commigo mesmo tyrannias, A engrandecer meu mal mais mal invento!

Os annos passam com o passar dos dias... Morta a esperauça, resta ao pensamento Maguas, só maguas e melancolias.

Janeiro 7, 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

## ILLUMINURAS

AS LAGRIMAS

Pouco antes de morrer tinha ella na mão a petala concava de uma rosa branca, em que docemente brilhava uma gotta de orvalho.

— Vê, mamã? treme e não cabe!

Que limpidez, que transparencia, olhe, repare como reflecte, assim o azul, e assim o escarlate...

Desde que venha do céu, a mais pequena cousa espelha o infinito!

N'esse momento levantou os olhos e viu nas faces pallidas da mãe, duas gottas de pranto.

Tornou-se pensativa, e com voz tremula:

Não quero essas lagrimas!...

— Mas por que as fitas tanto, meu amor? perguntou-lhe a mãe, sorrindo com esforço, e ella respondeu:

— Porque me vejo n'ellas.

Viriam tambem do céu?

Vinham do coração.

JULIA LOPES.

## TERREMOTOS

(AVISO À NATUREZA)

Segundo noticia do *Jornal do Amazonas*, sentiu-se em Manáos, no dia 29 do mez passado, um ligeiro tremor de terra, que felizmente não durou mais de dous a tres segundos; tempo sufficiente, comtudo, para que o tal tremorzinho rachasse as paredes de algumas casas, derrubasse telheiros e arvores e horrorisasse muita gente.

Nós não sabemos nem podemos saber quaes as intenções da Natureza; mas o que lhe aconselhemos como amigos é que se acatelle. Isto aqui não é a Hespanha, onde ella se pôz a tremer inesperadamente como se tivesse entrado demais nas bebidas e lhe chegasse o alcoolismo ao *delirium tremens*; nós aqui estamos prevenidos: a Imprensa ainda conserva os seus distinctivos, e, emquanto a Natureza, como o diabo, esfregar um olho, pômos ahí por essas ruas um prestito de seiscientos metros!

Não se faça de fina; para cá vem de arrinho. Se tem vontade de tremer, que não seja no Brazil; mesmo porque, tremer por tremer, trema na Hespanha que é mais velha.

Por estas e outras é que nos chamam terra de macacos! Como na Europa houve terremotos, já a nossa boa Natureza queria macaqueal-a!

Que ella se lembre do bem que sempre se tem dito d'ella... e que tome juizo.

Não ha nada como ser-se firme nos principios e solido nas convicções.

Por conseguinte. — Convicção e firmeza.

## Mattos, Malta ou Matta?

## NOVAS REVELAÇÕES

SETIMA CARTA

« Sr. redactor:

Vou tentar reproduzir aqui, com a maior fidelidade que me fôr possível o significativo dialogo que se travou entre mim e o extraordinario resuscitado, depois que deixámos o cemiterio e nos mettemos dentro do carro.

— Em primeiro lugar, disse-me elle, vou contar-lhe com toda a franqueza a minha historia, sem o que não poderia o senhor capacitar-se de que não sou precisamente um doudo: Nasci na eidade de Campinas, e, segundo me consta, meu pae, a quem não tive o gosto de co-

nhecer, era um sujeito honrado e de bons costumes, o que aliás não lhe impediu de succumbir a uma indigestão de lagostas, justamente quando minha mãe estava em vespuras de dar-me ao mundo. A morte de meu pobre pae preeipitou um pouco este vulgarissimo phenomeno physiologico, obrigando minha desgraçada mãe a pagar com a propria existencia o meu direito de fazer parte d'essa cousa que se chama humanidade e a um lugar n'este mesquinho inferno que se chama o mundo. Por conseguinte, apenas com um dia de vida já recebia eu os primeiros couces da fortuna, achando-me completamente desamparado e sem ter ao menos uma teta que me garantisse a subsistencia. Foi então que um pobre cocheiro se compadeceu de mim e carregou-me para casa. O cocheiro era casado e sua mulher entregava-se ao modesto e honrado mister de criar bodes e cabras. Foi uma cabra a unica ama de leite que eu conheci, e tal amor tomei desde então a esse bemfazejo animal, que ainda hoje, quando por acaso o encontro na rua ou em qualquer parte, a vontade que tenho é de ferrar-lhe um abraço.

— Nada mais justo... considere eu.

— Mas, continuou o narrador, a desdita não quiz que o meu protector levasse ao cabo a obra de caridade que me estava reservada e fel-o succumbir, pouco depois da mulher e quando eu ainda não tinha mais do que cinco annos de idade.

Passei então para as mãos de um typo, o melhor dos que tenho conhecido no mundo, e que foi ao mesmo tempo o meu salvador e a minha perdição.

— A sua perdição?

— Sim. Eu me explico: Pedro Melindrosa, o homem que substituiu ao meu lado o cocheiro, era um philosopho, cujas theorias abstractas e metaphysicas entraram muito profundamente pelo vasto terreno da loucura.

Foi justamente por isso que elle me recolheu. Um dia viu-me chorando abraçado á cabra que me amamentára e escondeu-se para me espreitar.

Eu, que me suppunha a sós com a minha doce companheira de infancia, exclamava de veras commovido á orelha do bicho: « Bêbê! bêbê! (era este o tratamento que eu lhe dava) minha querida bêbê, não imaginas quanto te quero bem e quanto gosto mais de ti do que de todo o mundo! »

O philosopho, sahindo do seu escondrijo, veio ter commigo e perguntou-me se era verdade o que ouvira de minha bocca.

Eu, meio perturbado com a presença d'elle, respondi que sim e que não trocaria a minha querida Bêbê por ninguém.

— Quem é seu pae? perguntou-me elle depois.

— Não cheguei a conhecê-lo, respondi.

— E sua mãe?

— Morreu quando me pôz no mundo.

— E com quem você vive agora?

— Com ninguém.

— Você não tem casa?

— Não.

— Onde dorme?

— Quasi sempre no curral do Zé Coxo.

— Onde come?

— Onde encontro o que comer. E quando não encontro peço.

— E quando não lh'o dão?

— Roubo.

— E não se vexa de roubar?

— Não, porque não faço por maldade semelhante cousa, mas sim por não haver outro remedio.

— E porque você não se mata?

— Porque não quero.

— E que espera você da vida?

— Nada, não sei.

— Quer vir commigo, para minha casa?

— Vou, se me deixar levar Bêbê.

— Pois então acompanhe-me com ella. Desde esse dia principiei a ter de novo uma cama, um taller certo á mesa do philosopho e roupa lavada e engommada.

— Você quer ser uma besta ou um homem instruido? perguntou-me o Melindroso, mezes depois de me haver tomado á sua conta.— Mas, desde já o previno de uma cousa, aerescentou elle.

— Eu não admitto meio termo em questões de illustração. Você no caso que não queira ser uma besta, hade ser um sabio. Escolha.

— Quero ser um sabio.

— Mas, veja bem, rapaz. Para ser um sabio é necessario que você tenha talento, paciencia e coragem. Consulte o seu espirito e veja se pôde contar com essas tres qualidades.

— Posso, sim senhor.

— Tu tens talento? Volveu o philosopho, passando a tratar-me por tu, o que nelle significava bom humor.

— Tenho.

— Pois então responde ao que te vou perguntar.

— Prômpto.

— Que farias tú a um cão que te mordesse?

— Dava-lhe com uma pedra.

— E a um que telambesse os pés.

— Nada.

— Bem. Vejamos agora se tens coragem.

Da-me um soco.

Eu não esperci segunda ordem e ferrei-lhe um murro na barriga.

— Bom, disse o philosopho—Estou satisfeito c, quanto ás provas de paciencia reservo-as para mais tarde. Amanhã principiarás a estudar commigo. E d'aqui a alguns annos saberás tudo que é dado alcançar o conhecimento humano.

No dia seguinte o meu protector começou a ensinar-me simultaneamente as seguintes materias:

Grammatica portugueza, franceza, latina e grega; arithemetica, geographia phisica e astronomica, musica, desenho e gymnastica.

E' inutil dizer que de tudo isso só me ficara na cabeça uma confusão diabolica, o que aliás não desanimara o meu singularissimo professor, nem o fazia retirar de mim a progressiva confiança que eu lhe inspirava.

E todos os dias apresentava-me um novo livro e dizia-me:

— Lê isto! E' bastante que leias; não procures comprehender, procura decorar. A cabeça é como a terra, não tem necessidade de conhecer a semente que recebe no seio; a natureza se encarregará de cumprir com os seus deveres. A tua intelligencia é a natureza e os livros que te dou são a semente. Decora-os e mais tarde a planta brotará, sem que tú proprio descubras a razão porque.

Eu obedecia. Dos meus seis annos até aos vinte e um, li nada menos do que dez mil volumes de diversos assumptos.

Meu professor nada me ensinava a fundo, nem consentia que eu me inclinasse para nenhuma especialidade.

— Não, dizia-me elle—um verdadeiro sabio não deve ter especialidade. Tu debes saber um pouco de tudo e quasi nada de todas as cousas. E' preciso que entendas tanto de theologia como de botanica, como de architectura, como da arte culinaria, como de economia politica, como de litteratura e do resto. Quero que a tua intelligencia se derrame em torno de ti, pelo universo e não que ella se encannalise pelo tubo de uma especialidade.

Prefiro a extensão á profundeza: prefiro o estudo da humanidade ao estudo do homem; prefiro o estudo do homem ao estudo de um orgão ou de um osso; prefiro o estudo de um osso ao estudo



particular de uma molecula, e prefiro o estudo de uma molecula ao de um atomo ou á especialidade de não estudar cousa nenhuma.

Vês? proseguiu elle—é a isto que nos conduz a especialidade—a zero. A especialidade é o meio de ir apertando as cousas até reduzi-las a nada. Ser especialista e não ser cousa alguma vem a dar na mesma, porque nada adianta conhecer um clo de uma cadeia, quando a gente não conhece a cadeia inteira. Nada adianta conhecer a folha de uma arvore, quando não se conhece a arvore. Depois que saibas tudo syntheticamente, dar-te-hei licença para os teus estudos concretos; antes não, não admitto que te demores defronte de nenhuma sciencia particular.

Este systema educativo do meu singular protector, que nesse tempo eu suppunha um sabio e que depois verifiquei não passar de um louco, esse systema fez com que eu aos vinte e dous annos, quando me achei de novo abandonado no mundo, não encontrasse meios de ganhar a vida.

Entendia de tudo e nada sabia ao certo. Tentei todas as profissões, experimentei-me em todas as carreiras—nada. Sabia medicina e não podia curar; sabia Direito e não podia advogar; engenharia e não era engenheiro; pintura e não era pintor; architectura e não era constructor; emfim entendia de tudo e não era nada.

Então fiz-me bohemio e philosopho; principiei a aceitar a vida como esta se apresentasse, sem me preocupar com o dia seguinte.

Foi nessas condições, accrescentou elle que conheci uma velhusca, viuva de um pharmaceutico chamada Leonarda.

— Aquella que estava presa? perguntei.

— Justamente.

— Minha sogra, disse eu commigo; e dispuz-me a continuar a ouvir o resuscitado, cujas revelações foram-se-me tornando cada vez mais interessantes, como verá V. S. pela outra carta que lhe hei de mandar para a futura *Semana*.

Sou de V. S.

Att.º. cr.º. e ven.º.

## PARNASO ALEGRE

### Buccolica moderna

Que noite feita de opalas!  
Que deslumbrante manhan!  
Abril esflora bengalas,  
Da cornucopia de Pan.

Nenhum momento é tão breve  
N'estas primeiras instancias...  
Nem posso oscular de leve  
Os labios das circumstancias.

A minha Musa que é rica  
Como um nababo do sol,  
A fortuna multiplica  
A' luz do glauco arrebol.

As raparigas aos saltos  
Andam com bustos de Flora.  
Milheiros de chapéus altos  
São cogumellos agora.

Tudo se illumina e doura  
Como candieiros de gaz;  
Sileno empunha a vassoura  
E vai andando p'ra traz.

As dryades namoradas  
Por namorados desejos,  
Penduram pelas sacadas  
Duzias e duzias de beijos.

Venus compra um guarda-chuva  
Que lhe assenta menos mal,  
E Marte—a triste viuva,  
Planta uns lyrios de crystal.

Anda o prazer aos abraços  
Com as meninas solteiras,  
E voam pelos espaços  
Palhetas e cigarreiras.

Anda aqui Anacreonte  
A dar conselhos moraes;  
Vê-se pingar do horizonte  
A luz dos novos ideaes.

O Sol, o grande charuto  
Da bocca do firmamento,  
Soffre calmo como um bruto  
As ligas do juramento.

Andam satyros gaigando  
Os montes c'os capros pés,  
Pelo ar vão-se espalhando  
Chinellos aos dez e dez.

As boccas frescas das rosas  
Sorriem mostrando os dentes.  
Semelham moças formosas  
Muito alvas e transparentes.

Como um sino grande e velho,  
Minh'alma, que vive, diz;  
E' preciso um Evangelho  
Para curar um pleuriz!

Nem se me diga que um vate  
Não come presunto quente;  
Tanto na ineude bate  
Vulcano—que faz um pente!

E este caso monstruoso,  
Que a todo o Olympo espantou,  
Pôz o fremito do goso  
Onde o prazer encontrou.

Aos beijos com amethystas  
Vê-se a bocca de um tinteiro.  
Que santo regalo, artistas!  
Ser gordo e ser conselheiro!

Vão aspirando com arte  
O mel que os lyrios contém  
O Sol—esse Bonaparte,  
E a Lua—essa Girardin.

Pelas paredes do Olympo  
Sem carrapixos nem nada  
Grimpa tal qual como eu grimpo  
D. Camelia Rajada.

Orgias rubras de flores  
Na tenda de Trimalcião!  
Oh! como é grato aos amores,  
Ter grilos no coração!

No campo são tudo festas.  
Salta e brinca a Natureza!  
Virgilio! sae das florestas.  
Horacio! vae pôr a meza.

Ganymedes prega petas  
A' Hebe, loira e sonora:  
São caras as calças pretas,  
Mas Cresco é dono da Aurora...

Por isso nem posso ao menos  
As circumstancias beijar.  
Moças! satyros! Silenos!  
Até logo. Eu vou jantar.

FILINDAL.

### Kermesse no Polytheama

Abre-se no dia 1.º de Março, prolongando-se até ao dia 8 do mesmo mez, a grande *kermesse* organizada pela Associação Beneficente dos Empregados do Commercio em favor do seu fundo social.

Vae ser uma brilhantissima festa, cujo fim humanitario e nobre é por si bastante motivo para tornal-a sympathica e digna da protecção do publico.

A Associação tem recebido innumeradas prendas.

A *Semana* concorre modestamente á *kermesse*, offerecendo-lhe dez exemplares

do novissimo tango do Sr. Ernesto de Souza: *A Semana—100 reis!*

Cada um dá o que póde.

Eis a razão porque não nos envergonhamos da insignificancia da nossa prenda.

## THEATROS

Nada de novo por emquanto.

Por mais vontade que tenhamos de entender esta secção, não nol-o permittem as emprezas.

A animação que se esperava para depois do Carnaval—falhou.

Não ha remedio, pois, senão revellar ao publico que o Recreio Dramatico montou a *Crus da morta*, peça velha, vista e revista, mas que ainda dá algum trabalhinho ao bilheteiro do theatro e algum regalo á empreza.

Prepara-se n'este theatro, para breve, *As meninas Godin*, traducção do Sr. Jose do Patrocinio, depois da qual preparar-se-ha a *Denise*, ultima peça de Dumas Filho, que o Sr. Henrique Chaves está acabando de traduzir.

D'esta notavel obra dramatica, disse Sarcey, entre outros elogios, que o terceiro é o melhor acto que Dumas tem escripto para a *Comédie*.

O Lucinda remontou o *Drama no alto mar*, peça muito salgada, com mar alto, navios, explosões, incendios, abordagens, manobras nauticas, assassinatos, sangue, lagrimas, naufragios, o diabo em cinco actos!

O que desejamos á empreza é mar banzeiro e vento de feição.

Brevemente teremos neste theatro o *Palhaço*, drama de emoções, de situações e de cabriolas.

E' o que o publico prefere, e como cada qual come do que gosta...

Tambem se annuncia para depois d'o *Palhaço*—*O terremoto de Andaluza*, peça de actualidade, que tambem deve ter o chamariz das lagrimas.

Que a empreza não venha a ser *victima* d'este terremoto, e que não necessite constituir-se em *bando precatório* para que o publico afluia.

Vae reabrir-se o Polytheama, com uma nova empreza, organizada pela actriz Fanny:

O elenco, é o seguinte:

Fanny, Clementina, Clairville, Manarezzi, Elisa, Lucinda, Henriqueta e Arminda; Machado, Flavio, Primo da Costa, Corrêa, Pereira, Magno, Mario Vicente e Gonçalves.

Entrará tambem para esta empreza o actor Xisto Bahia, que deve chegar brevemente do norte.

O ensaiador é o primoroso Primo da Costa.

A peça de abertura será a magica—*O genio do fogo*.

Desejamos á nova empreza todas as prosperidades e muito publico.

A *Cocota*, revista do anno passado, está em ensaios de apuro no Sant'Anna. Deve subir á scena na proxima terça-feira.

## POESIA E POETAS

O Sr. Felix Antonio de Almeida, auctor das *Obscureas*, poderá vir a ser um poeta para o futuro.

Mas se almeja este titulo glorioso, se aspira ver o seu nome figurando na constellação dos Gonçalves Dias e dos Castro Alves, não se deixe embair pelos conselhos e opiniões de pessoas illetradas e baldas de gosto litterario, cujos elo-

gios e animações são mil vezes mais perniciosos e prejudiciaes do que a critica severa e até malevolente d'aquelles que entendem do riscado.

Devemos asseverar-lhe, a bem do seu talento futuro, que os amigos que o induziram á publicação das poesias colligidas sob o titulo de *Obscuras*, ou não o fizeram de boa fé, e n'esse caso o atraioaram, ou sinceramente acharam que a fazenda era boa, e n'esta hypothese comprometteram positivamente a sua competencia no assumpto.

Trabalhe, leia muito, estude os modelos, percorra os dictionarios, compulse manuaes de metrificacão, consulte pessoas capazes de o guiar n'esta difficilima arte de traduzir idéas e sentimentos por palavras sob medida e pelo rythmo, e depois então lance aos ventos da publicidade os productos das suas elocubracões.

Sim?

O 4° volume das poesias de Manoel de Almeida Coelho Margarida vem ainda confirmar a reputacão de que já gosava o rude poeta, homem pauperrimo, quasi analfabeto, humilde jornalista que vive curvado sobre improbo e pesado trabalho, para prover aos meios de subsistencia.

A facilidade no poetar, a fecundidade, a fluencia, a promptidão de espirito, a sinceridade commovida, a ingenuidade alegre ou dolorosa, a falta de artificio rethorico e de sentimentalidades banaes — tudo isso em um poeta sem vislumbre de educação litteraria, são cousas realmente para admirar.

Mas quando se souber que o Sr. Margarida, não sabendo escrever pelo nosso systema alphabetic, inventou para seu uso particular um processo hieroglyphico, que só elle pôde decifrar, então a admiração roçará pelo pasmo.

Pois é a verdade.

Relevando todos os defeitos que a critica possa descobrir em suas producções, não temos mais do que saudar o intrepido poeta que canta entre as garras da pobreza e que, se não é um genio, parece um heróe.

UDO.

## ALGUMAS DEFINIÇÕES

*Diabo*.—Deus pelo avesso.  
*Casaca*.—Jaqueta com *cavaignac*.  
*Jaqueta*.—Casaca de barba feita.  
*Piano*.—Caixão de musica.  
*Gelo*.—A errata do calor.  
*Encade nador*.—O alfaiate dos livros.  
*Alfiate*.—Encadernador de homens.  
*Quarto de dormir*.—O unico tumulo em que se opera a resurreicão da carne.  
*Syphilis*.—Flóra do amor.  
*Sol*.—Um olho á procura de cara.  
*Barro*.—A materia prima da carne.  
*Tolice*.—O espirito dos outros.  
*Espirito*.—As nossas tolices.  
*Lacraia*.—Penca de pernas.  
*Couce*.—O ponta-pé dos burros.  
*Pontapé*.—O couce dos homens.  
*Diccionario*.—Botica da lingua.  
*Cocix*.—O iman do pontapé.  
*Chinó*.—Illusão dos calvos.  
*Corpo humano*.—Envelope da alma, sobrescriptado aos vermes.

FREI ANTONIO.

## BANQUETE EM S. PAULO

A casa Guilherme Mac-Hardy & C., de S. Paulo, offereceu aos jornalistas d'aquella cidade um esplendido banquete no *Grande Hotel*, em 14 do corrente.

Um amigo nosso, chegado ha dias, e que assistiu á festa, contou-nos passagens muito engraçadas. Entre outras cousas disse nos elle que havia jornalistas

na mesa que não sabiam comer espargos: trinchavam-n'os e comiam-n'os aos pedacinhos!

Os discursos começaram a explodir logo depois da sopa, etc., etc.

Devia ter sido um spectaculo curiosissimo, e que muito havia de divertir os amaveis amphytriões.

Damos os nossos pesames aos espargos sobreviventes da conhecida loja do Japão, e enviamos as mais profundas expressões do nosso sentimento ao codigo do bom tom paulistano.

Agora aos jornalistas festejados, por via de um dever de colliguisimo, não deixaremos de dar... sinceros parabens.

## Barboza Rodrigues

Alguns amigos e admiradores do Dr. João Barbosa Rodrigues, director do museu Botânico do Amazonas, pretendem enviar-lhe brevemente um mimo, em que serão gravadas as datas de sua partida e de sua chegada ás malocas dos *Cri-chanáis*.

São perfeitamente conhecidos do publico os relevantes serviços prestados pelo illustre botânico brasileiro á civilisacão da provincia do Amazonas.

Crêmos que esta homenagem é justa e bem cabida; porquanto até hoje ainda não foi realisada no paiz pacificacão tão breve, economica e que trouxesse resultados tão satisfactorios como a que foi feita pelo Dr. Barbosa Rodrigues.

## CATASTROPHE

Hontem, o bem sortido e economico hotel *Voltaire*, que fica á rua da Uruguayana, servio de teatro a uma scena digna de figurar no inferno de Dante.

Seriam duas horas da tarde pouco mais ou menos, quando um homem alto extraordinariamente magro, sem barba e com uma enorme cabelleira hirsuta e terrivel que lhe cahia sobre os olhos, apresentou-se ao dono d'aquelle estabelecimento perguntando por quanto lhe deixavam comer um jantar.

O dono da casa respondeu que o preço dos seus jantares era mil réis, ficando ao freguez o direito de escolher os pratos, e meia garrafa de vinho.

O sujeito de cabelleira fez um gesto affirmativo e assentou-se em uma das mezinhas mais reservadas do restaurant entretendo-se a comer, em quanto esperava pela sopa, um enorme pão, que lhe puzeram ao lado.

Assim que o servente appareceu com a terrina cheia de *consommé* notou com espanto que o terrivel sujeito apanhava da toalha as ultimas migalhas de pão e levava-as á bocca com uma avides de lobo faminto.

—Outros pães! exclamou o lobo; e logo que se achou servido, esgotou a terrina e passou a devorar n'um relance o contheudo dos pratos que punham de frente d'elle.

Tinha já devorado oito, quando o servente, a tremer pelas proprias orelhas que se achavam ameaçadas pela fera, perguntou se esta queria mais alguma cousa.

—Uma feijoada de circumstancia; respondeu o monstro, engolindo de um trago uma *omelette* que lhe acabavam de trazer.

Depois da feijoada, exigio, para descansar, uma salada de batatas e um pequeno frango assado.

O dono da casa e os frequentadores do hotel haviam-se já aproximado cheios de espanto de tão extraordinario comedor, quando este, passando a petiscar uns *beeffs* cobertos que o tentaram, declarou com a bocca cheia:

— Ah! Na sobremesa é que eu sou duro! No doce é que me não de ver!

O dono da casa, ao ouvir isto, desmaiou nos braços do socio, e um grupo enorme se formou em torno do monstro.

Houve apostas.

— Vou como elle não dá conta d'aquella compoteira de maçãs! gritava um.

— Aposto que elle ainda vae ao melão! dizia outro.

— Pago toda a despeza que elle fizer, se fôr capaz ainda de comer uma banana! arriscou um terceiro.

E entre o pasmo geral, o sujeito foi devorando tudo que lhe deram, e depois passou-se para a mesa do centro e devastou-a em silencio, até deixal-a completamente limpa.

Já haviam todos fugido espavoridos e amedrontados, e o dono da casa chamava a policia, quando o conilão deixa escapar um grito de prazer e, trepando-se ás prateleiras, consegue apoderar-se de um busto de *Voltaire* feito de assucar que o dono da casa conservava religiosamente, como um symbolo.

Devorou-o tambem.

Tão feroz devastacão, comtudo, não impediu, que o magnifico restaurant *Voltaire*, sito á rua da Uruguayana, n. 29, continuasse a fornecer como anteriormente excellentes almoços a 800 réis, e a mil réis maravilhosos jantares com sobremesa, vinho, café e... palitos.

Parece incrivel!

BARÃO RECLAME.

## TRATOS Á BOLA

D'esta vez ainda não tivemos decifradores exactos para os *Tratos* do numero ultimo. E' uma vergonha. Que havemos de fazer? Damos bollos em todos estes senhores e senhoras que se dizem charadistas?

Não, não nos fica bem, e depois não somos palmatoria do mundo. Cada um como Deus o fez! Não podemos corrigir a natureza.

Repetimos hoje os *tratos* ultimos pela poderosissima razão de se ter dado um deploravel engano—Nada mais nada menos que o seguinte: Na—antiga—incluímos duas charadas e demos como conceito uma quadrinha que era verdadeiramente conceito mas da outra charada que *engulimos*.

Portanto, Srs. charadistas, aproveitem o engano e tratem com bons *tratos* os *tratos* tão maltratados ha duas semanas pelos senhores.

BENEDICTINAS (1)

« Ardendo: *Catão, cito, bata.* »

LOGOGRIPO

(Por letras)

E' provincia brasileira—1,2,3,4  
 Onde se faz oracão—2,3,4  
 De montanha sobranceira—11,12,13  
 Mais bojudo que um barão—7,8,1,2  
 Veio este peixe gostoso—7,8,9,12,13  
 Outra provincia das nossas—1,2,3,4,5,6  
 Finda o prazer, finda o goso—9,10,11,12,13  
 Bicho que salta nas poças—3,4,5  
 Ave de plumas vistosas—6,3,9,3,2  
 Onde a gente mata a sede—12,8,10,2  
 Sobre as aguas marulhosas—12,11,3,10,2  
 A que um banho a gente pede—12,6,10,8,2  
 Com esta por sobre os hombros—10,4,7,13  
 Vou devoral-a com pão—7,13,1,4  
 E vou caçal-a aos escombros—1,6,10,13  
 Dos montes d'este barão.

TELEGRAPHICAS (2)

1—1—Polpa de linho.  
 1—1—Calma é panno.  
 1—1—1—Patada de navio.

(1) Veja-se a explicacão que demos nos *Tratos* do n. 8.

(2) Esta especie foi explicada em o nosso n. 5.

## TIBURCIANAS (3)

1-1-2—Da contracção da Polonia e de uma ave resulta um guerreiro.  
2-1-1—Acima, acima, e acima.

## ANTIGAS

Sou sempre encontrada  
Na frente de alguém—1  
Servindo de base,—1  
De força também—1

## Conceito

Cuidado não caias,  
Sentido com o chão;  
Se tu trazes saias  
Segura-as com a mão.

Tem força, tem vida—1  
Tem bom coração—1  
Na Biblia me encontras,  
Pergunta ao Labão—2

## Conceito

Eu fui arrastado  
Pelo mundo inteiro,  
Levava-me um velho  
Feio e forasteiro.

## PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto damos o premio já offerecido nos ns. 7 e 8: um exemplar dos *Nocturnos* de Gonçalves Crespo, luxuosamente encadernado. Ao segundo um exemplar do delicioso tango « *A Semana* — 100 reis! » ultima novidade musical.

D. PASTEL.

## CASO ESPANTOSO!

O *Jornal do Commercio*, de 24 do corrente, n. 55 do anno 64, na noticia do *Bando precatório*, chama *seus collegas* aos Srs. Octaviano Hudson e Roberto de Mesquita!

Isto da parte do *Jornal* que teve durante vinte e sete annos um redactor incognito, é espantoso!

Registramos o facto, mas não o commentamos.

... Nossos collegas!  
Muito bem, muito bem.

## Recebemos:

— Para a *Matinée Musicale* em favor da Sociedade Amante da Instrução dous cartões de ingresso.

— Da Sociedade Dramatica União Familiar (da Gavea), um convite para a recita de hoje.

— Da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro para a *Kermesse* que se effectuará amanhã no Polythcama Fluminense um cartão de ingresso, permanente.

## CORREIO

SR. OSCAR ANTERO CEZAR.—Ainda não tivemos tempo de ler o seu conto.

Mas fique descansado: Havemos de lê-lo, e se a impressão que o seu *pallido poeta* nos deixar for boa, não trepidaremos em publical-o. acredite.

SR. CLAUDIO SILVA.—A idéa do seu soneto é muito passavel. Lamentamos que a execução seja pessima.

Não se *arrufe* com esta franqueza. O Sr. promette um poeta regular. Alistamol-o no rol das *esperanças*.

SR. ALEXANDRE DE GAL.—O seu conto não é mau. Decididamente o Sr. tem geito para a cousa.

Póde reunil-o aos que já tem para o seu livro—*Contos Patuscos*, que desejamos ver em breve no ollo da rua.

(3) Foi explicada esta especie em o nosso n. 6.

Quanto á inserção delle na *Semana*, acredite, e impossivel.

Temos uma alluviaõ de cousas litterarias que pedem apparecimento urgente.

Por tanto ..até outra vez, caso nos mande cousa menos comprida.

SR. A. DE S.—Teriamos prazer em servil-o. O diabo é que asua poesia com e titulo—*Epilogo*, tenha paciencia, é bem ruimsinha. Se fosse melhor...

SR. J. Z. FERREIRA DA COSTA.—Não sabemos que fazer com o trabalho do seu amigo. Ila tanta cousa cá por casa... Emfim, para que o Sr. não se enfade conosco, publicaremos este topico, que é talvez a centesima parte do primeiro periodo da sua *Sebastiana*.

« Por mais que reprima os vãos de meu espirito, Exms. Senhores, por mais esforços que faça por conter-me na reclusão anachoreta de uma thebaida que só tem os cilícios e o contemplar as peças da arte que a formou, não ousou, nem que ateime, restringir-me á unica vaga pasmaceira dos lavores da vida material a que estou condemnado, sendo um theatro immenso este mundo..... »

## UTILIT

Agora diga-nos uma cousa, francamente: Não está cansado com a leitura desse pedacinho de periodo?...

Veja se um trabalho assim póde ser publicado, preterindo outros, onde a fórma e a idéa... Não, o melhor e o senhor não procurar ver cousa nenhuma.

O seu amigo é intelligente e escreve, escreve como uma secretaria em peso. D'aqui a uns tempos, esperamos receber-o triumphalmente nas hospitaleiras columnas da *Semana*.

Pois esperemos.

SR. CHICO MOREIRA (typographo).—Você supplica-nos com tão bom modo que publiquemos *Os teus cabellos* que... que não os publicamos.

## FACTOS DIVERSOS

Realizou-se no dia 22 do corrente na Barra do Pirahy uma extraordinaria manifestação ao Dr. Aureliano Garcia, sendo-lhe entregue pelo Sr. Mathias Roxo em nome da população da Barra, um riquissimo relógio e corrente de ouro e um lindo anel de medico, do mesmo metal.

Fallou, eleito pela commissão promotora da festa, o Dr. João Alves Meira.

O serviço da meza foi profuso e delicado, dansando-se até ás quatro horas da madrugada ao som de duas excellentes bandas de musica; a do Rodeio e a de Mendes.

Deu grande realce á festa uma parte concertante em que se distinguiram a Exa. Sra. do collector do Pirahy, Santos Mello e os Srs. Castilho e professor Rapozo.

Os brindes multiplicavam-se; é impossivel dar-se delles conta fiel; entretanto citaremos o do Dr. Meira á familia Garcia, e o do Dr. Garcia ao distincto advogado e prestimoso cidadão Dr. Meira.

Ambos foram acompanhados dos mais ruidosos *hypps* e *hurrahs*.

\* \*

Recebemos um exemplar de modello photographico do Indicador Barometrico Aneroide Nacional. A utilidade d'este indicador consiste em trazer aos olhos do publico os annuncios das mais importantes casas de negocio; traz os liorarios dos trens e outras informações marca pontualmente as variações atmosphericas graças a um barometro Aneroide e thermometro collocados na face superior do indicador. Emfim, n'este genero é o que tem apparecido de mais adiantado e curioso.

Acha-se exposto o Indicador na casa do Sr. Leon Rodd & Comp.

Recomendamol-o ao publico.

—Um paiz da America em 1884 (Apontamentos de um viajante ignoto.) N. 1. Janeiro a Fevereiro de 1885.

Sociedades, costumes, politica e reformas sociaes. Coimbra, 1885 Diremos depois.

—*Revista de Engenharia*, publicação quinzenal, director—Dr. Jose Americo dos Santos, n. 107, anno VII.

Excellentemente, como sempre.

\* \*

Realizou-se no dia 19 do corrente ás 7 horas da noite na sala das sessões do «Congresso Litterario Gonçalves Dias,» uma sessão solemne, commemorativa do 2º anniversario da sua fundação.

Depois de aberta a sessão pelo Sr. Americo Guimarães, presidente, foi dada a palavra ao orador official, o nosso director Valentim Magalhães.

Em seguida o Sr. presidente nomeou uma commissão para a entrega do diploma de socias honorarias ás redações presentes.

Estavam representadas a *Folha Nova* e a *Semana* que receberam os referidos diplomas, bem como o Dr. Valentim Magalhães.

No fim da sessão, os socios Farias Mendonça e Valentim da Costa esmolaram pelas pessoas presentes em favor das victimas do terremoto da Andaluzia colhendo a quantia de 43320 que por já não se achar presente nenhum dos membros da commissão da imprensa, foi entregue ao Sr. Ascoli empregado na redacção da *Folha Nova*.

Pela nossa parte agradecemos penhorados o diploma que nos conferio o *Congresso Litterario Gonçalves Dias*, e podemos affirmar, que em nós encontrarão sempre toda a coadjuvação que merecem pelo seu trabalho e boa vontade.

## DECLARAÇÕES

## A SEMANA

Deixou de ser empregado desta folha o Sr. Valentim da Costa, que era reporter e agente de annuncios.

E' nosso cobrador o Sr. Antonio Ribeiro Neves.

O escriptorio d'A SEMANA está aberto todos os dias—das 8 horas da manhã ás 6 da tarde.

Travessa do Ouvidor 36

## ANNUNCIOS

## EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICCO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2.000 o exemplar

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia, rua do Visconde do Rio Branco n. 36

**EXTERNATO HEWITT**

INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL

**134 RUA DO ROSARIO 134****AU BON MARCHÉ**

60 Rua Sete de Setembro 60

Completo sortimento de fazendas de linho, lã, seda, perfumarias, etc. Armazem de fazendas finas, armarinho e modas. Vendas por atacado e a varejo. Recebem directamente artigos e novidades de Paris. Encarregam-se de qualquer encomenda.

**Coutinho & Silva Caldas**  
Telephone Urbano n. 414

**HOSPEDARIA FIEL**

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—**Lima & Xavier.**

**AU GRAND DINER DE RIO****A LA CHAUMIÈRE** — Rua da Uruguyana n. 61

ENTRE OUIDOR E ROSARIO

Das 9 da manhã ao meio dia, ALMOÇO: tres pratos escolhidos na lista, arroz, queijo, fructa, meia garrafa de vinho e café ou chá, 18. Das 3 horas da tarde ás 8 da noite, JANTAR: sopa, quatro pratos, arroz, doce, queijo, fructa, meia garrafa de vinho, café e cognac, 18500.—Soupers à la carte jusqu'à 1 heure de la nuit.—Cozinha Franceza, Italiana e Portugueza.—Ceias pela lista até á 1 hora da noite.

**LEITE DE MINAS DA FAZENDA DA SAUDADE**

PROPRIEDADE DE

**Cerqueira Lage & C.**

Recebido diariamente pelo trem mixto das 5 horas e 40 minutos da tarde

13 Deposito geral, Rua de Gonçalves Dias 13

Onde se recebem assignaturas para entrega nos domicilios.

RIO DE JANEIRO

**CONFETARIA DA CASCATINHA****149 RUA DO OUIDOR 149**

Especialidade em vinhos do Porto, Xerez, Madeira, Bordeaux, Virgem, Cognacs, Vermouths, Licores, Biscoutos e Cervejas dos mais acreditados fabricantes da Europa. Lunch em profusão e grande variedade de doces finos e pastelaria. Deposito do superior LEITE DE MINAS e fructas delicadas da Europa e nacionaes.

Apromptam-se encomendas para festas, baptisados e casamentos

**A. A. Lopes da Costa****CASA DO AYROSA****10****RUA SETE DE SETEMBRO****FAZENDAS E MODAS****ROUPA FEITA****ARMARINHO****RUA SETE DE SETEMBRO****N. 10****Companhia de Seguros Contra Incendios****HAMBURGO-MANDEBURGUEZA**GARANTIA **30,000:000\$000**

Faz todas as operações de seguro terrestre, premios razoaveis, em casa dos agentes

**G. JOPPERT & COMP.****63 Rua do General Camara 63****EMPORIO PHOTOGRAPHICO**

DE

**CARLOS ALBERTO****5\$000 a duzia**

Encarrega-se de fazer qualquer trabalho fóra de casa e re tratos de pessoas fallecidas. Preços razoaveis.

**41 Rua Sete de Setembro 41****AO SAPATO IBERICO****EUZEBIO LOURENÇO****153 Rua Sete de Setembro 153**

EM FRENTE Á TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Calçado sobre medida, para homens, senhoras e crianças. Especialidade em calçados de setim, velludo, etc., etc., saltos á Luiz XV.

Encarrega-se de mandar bordar qualquer calçado a ouro. Aprompta com brevidade calçado para casamentos, bailes, theatros, etc., etc.

**ALBUM DE DANSA**

No Imperial Estabelecimento de Planos e Musicas de Buschmann & Guimarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudú » ..... por Quirino R. Vieira.  
" « Teus olhos me matam » " " " "  
" « Radiante » ..... » Francisca Gonzaga.  
" « Si fuera verdad! » ..... " " "

QUADRILHAS — « Harmonias brazileiras » por Quirino R. Vieira.  
" « Arcadia » ..... » Franc.\* Gonzaga.  
" « Stella » ..... » Frederico Mallio.  
VALSAS — « Perola » ..... » Geraldo Ribeiro.  
" « Comme je t'aime! » ..... » Olivier.

**52 RUA DOS OURIVES 52****PENDULA MERIDIONAL**

Especialidade de brilhantes do Brazil, joias modernas e relgios de todas as qualidades.

**CASA DE ERNEST MERLIN****38 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 38****AGUA DE COLONIA NACIONAL**

Fabricada pela Exma. Sra. D. Maria Lisboa

VENDE-SE NO LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA N. 8

(PORTÃO MIXTO N. 8)

Garrafa de litro..... 78'00 | Garrafa de litro..... 68000  
" 1/2 ..... 48000 | " 1/2 ..... 38000

Garante-se a qualidade — L. A. de Mattos & C.